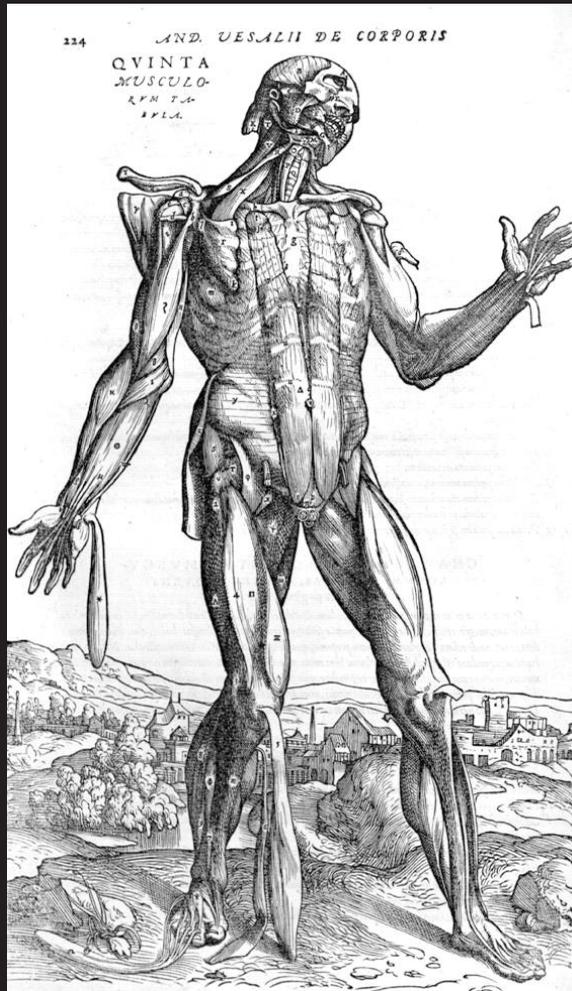


# Aspectos Históricos do Uso Terapêutico de Produtos e Excreções Humanas



**Argus Vasconcelos de Almeida**

Professor Associado do Departamento de Biologia da UFRPE

[argus@db.ufrpe.br](mailto:argus@db.ufrpe.br)



# Aspectos Históricos do Uso Terapêutico de Produtos e Excreções Humanas



**Argus Vasconcelos de Almeida**

Professor Associado do Departamento de Biologia da UFRPE

[argus@db.ufrpe.br](mailto:argus@db.ufrpe.br)



## Universidade Federal Rural de Pernambuco

*Reitora*

Professora Maria José de Sena

*Vice-reitor*

Professor Marcelo Brito Carneiro Leão

### *Ficha Catalográfica*

---

A447a Almeida, Argus Vasconcelos de  
Aspectos históricos do uso terapêutico de produtos e  
excreções humanas / Argus Vasconcelos de Almeida. –  
Recife : EDUFRPE, 2012.  
44 p. : il.

Referências.

1. Polyantha medicinal
  2. Semedo, João Curvo, 1635-1719
  3. Erário mineral
  4. Ferreira, Luis Gomes, 1686-1719
  5. Medicina – História
  6. Medicina popular
- I. Título

CDD 610.9

## INTRODUÇÃO

**N**o Brasil entre as práticas terapêuticas trazidas pelos colonizadores europeus estava a medicina cadavérica, que utilizava cadáveres humanos e suas partes para compor as mezinhas e os processos curativos. Grandes virtudes terapêuticas eram atribuídas ao crânio humano e às múmias, preparados a partir da mistura de líquidos liberados pelos cadáveres em decomposição, misturado com algumas ervas. Acreditava-se também que o suor dos agonizantes tinha a raríssima virtude de curar doenças, tais como as “almorreimas” (hemorróidas), pois o mesmo simbolizava a energia da pessoa e, uma vez eliminado, deveria ser aproveitado como remédio. Escreve a autora que a terapia constituída à base de cadáveres, hoje extremamente repugnante, era usada cotidianamente, não se restringindo apenas aos tratados de matéria médica: o crânio humano aparece entre os gêneros presentes numa tabela de 1744, que estipulava preços de medicamentos vendidos no Brasil (RIBEIRO, 1997).

Os formulários da terapêutica médica renascentista européia adotavam intensamente os produtos excrementais e humorais, como “sangue de moços”; detritos orgânicos, como pó de múmias ou de crânios humanos (DELAUNAY, 1959).

De acordo com Duarte (1956), a coproterapia vem das eras faraônicas, como o emprego de fezes. Encontram-se prescrições dessa natureza em Plínio, Dioscórides, Galeno, Aécio, Tralianus e Paulo de Egina.

Sobre a coproterapia ou medicina excretica, os colonizadores e sertanistas, por absoluta falta de recursos curativos e medo da morte, desenvolveram um receituário cujos componentes estavam

sempre à mão dos necessitados. Como exemplo, o uso terapêutico das fezes humanas. A autora afirma ainda que a ingestão de excrementos é uma prática que se perdeu nos tempos. Autores latinos, árabes e gregos já preconizavam essa prática que do mundo ibérico foi transmitido para as colônias (RIBEIRO, 1997).

A obsessão excrementícia da medicina era largamente difundida. A farmácia dos excrementos e do corpo humano era característica constante de diversas culturas, mesmo ocidentais. Assim, os produtos cadavéricos, incluindo as múmias, óleo de sangue, musgo de crânio, líquen dos ossos, eram vendidos por altos preços e empregados como medicamento pelas camadas superiores da sociedade renascentista (ALMEIDA, 2007).

Sobre o uso da “múmia”, escreveu o médico e alquimista suíço Paracelso (pseudônimo de Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim 1493-1541): “O que cura verdadeiramente as feridas é a Múmia, que é mesmo a essência do homem” (PARACELSO, 1945, p.130).

Segundo Lluesma-Uranga (1945) “múmia” tinha diversas significações dadas pelos autores medievais, entre as quais, as mais importantes foram as que a identificavam com o “espírito vital” que circulava no sangue, o que Moisés chamou de “anima carnis” (Levítico XVII, 11 e 12). Os judeus basearam nisso as minuciosas prescrições sobre a preparação das carnes, cujas composições, resultantes da coagulação do fluido vital por medicamentos extraídos do sangue humano, chamaram de “múmia”. Os egípcios empregaram esta denominação para designar o “nephesh habashar” de Moisés, opinião surgida dos médicos islâmicos medievais, que eram familiarizados com os escritos de Moisés e que puderam estudar diretamente as tumbas egípcias.

O médico italiano Girolamo Cardano (1501-1576) na sua obra *De Subtilate* de 1580 escreveu que “antigamente a múmia era sangue fi-

xado no estado sólido, que os egípcios preparavam, aromatizado com mirra, aloés, cássia, amonum e outras substâncias, que resultava num remédio soberano para todas as partes onde vertia sangue, assim como para as entranhas rotas ou machucadas” (CARDANO apud LLUESMA-URANGA, 1945).

Alguns médicos tiveram a ideia de extrair o medicamento denominado de “múmia”, não originado do sangue, mas sim das próprias múmias egípcias pulverizadas, constituindo um medicamento denominado de “pó de múmia”, do qual chegou a fazer-se tão intenso uso que os mercadores, diante da progressiva escassez de verdadeiras múmias, se puseram a fabricar múmias falsas, com as quais durante muito tempo surtiram os mercados de medicamentos na Europa atingindo altos preços (LLUESMA-URANGA, 1945).

Bartolomeu Castelli na sua obra *Lexicon medico graeco latinum* de 1746 escreveu que a múmia consistia em um certo líquido que se encontrava nos sepulcros cujos cadáveres haviam sido conservados durante muito tempo por meio de substâncias aromáticas ou no ar que um homem são expulsava na sua primeira respiração matinal, realizada antes de lavar a boca e que se conservaria num vidro com água fria (LLUESMA-URANGA, 1945).

Segundo o médico paracelsista belga Gerhard Dorn (c.1530–1584) na sua obra *Dictionarium Paracelsi* se chamaria múmia não só a carne conservada pelo bálsamo, mas também a todas as demais coisas que mortas espontaneamente ou violentamente, são dotadas de virtudes curativas, opinião mais próxima de Paracelso, que considerava a múmia como um coágulo da matéria pura e sutil que existiria no seio de toda substância orgânica e que encerraria todo seu espírito vital, neste sentido o vinho, o leite, o sangue, etc., teriam cada um sua múmia correspondente e particular (LLUESMA-URANGA, 1945).

Escreve Ribeiro (1997) que é muito provável que os indígenas do

Novo Mundo (frequentemente chamados de bárbaros pelos colonizadores europeus) não adotavam tais práticas.

É objetivo do presente trabalho analisar sobre o tema em duas obras clássicas da medicina portuguesa que tiveram profunda influência nas práticas de cura populares no Brasil. A primeira, intitulada *Polyanthea medicinal* (1697) do médico português João Curvo Semedo (1635-1719) e a segunda, intitulada *Erário mineral* (1735) do cirurgião-barbeiro português Luis Gomes Ferreira que viveu no Brasil e praticou em Minas Gerais e na Bahia na primeira metade do século XVIII.

A obra *Polyanthea medicinal* (1697) é dividida em três tratados, descreve a utilização e aplicação do antimônio, as qualidades e benefícios dos pós de Quintílio, não deixando de referir outras terapêuticas alternativas. Esta obra teve profunda influência na medicina popular colonial. Continha explicações de acontecimentos relativos à natureza, como a própria doença, mas distanciadas dos critérios racionais e mais próximas dos conceitos da medicina popular. Mesmo que nunca tenha estado no Brasil, Semedo foi um dos maiores divulgadores na Europa das riquezas medicinais brasileiras. Trata ainda no terceiro tratado “da bondade da Química”, da importância e necessidade de os médicos a aprenderem. É notório pelas suas obras que este médico tanto recorre à medicina química como também se baseia na teoria dos humores para explicar um grande número de doenças e evoluir no campo da terapêutica. Afirma “Nem quando louvo os remédios químicos, deixo de conhecer se devem grandes aplausos aos Galênicos” (BARROSO, 2004).

João Curvo Semedo nasceu em Monforte em 1 de Dezembro de 1635 e morreu em Lisboa a 26 de Novembro de 1719. Estudou em Lisboa, no Colégio de Santo Antão; formou-se na Universidade de Coimbra. Muito discutido pelos críticos e historiadores da Medicina, alguns dos quais o acusam de ter empregado superstições e um

excessivo empirismo. Foi, no entanto, considerado médico muito notável e erudito, tendo sido o primeiro médico português a empregar a quina (*Cinchona officinalis* L.). Foi médico da Casa Real e Familiar do Santo Ofício, cargo que deve ser entendido à luz da mentalidade da época, pois permitia-lhe investigar e viver sem problemas com a Inquisição (CARVALHO, 2005).

A aliança que promoveu entre o saber médico greco-romano e a magia natural fizeram de Semedo um ícone da medicina barroca, uma medicina produtora de novidades, mas contida pela força da tradição, pelo temor das transformações radicais e submetida à moral religiosa. Suas obras tiveram um papel decisivo na elaboração das primeiras farmacopéias em Portugal e são, por outro lado, a consagração do sistema hipocrático-galênico (SANTOS, 2004).

Luis Gomes Ferreira viveu e praticou em Minas Gerais e na Bahia na primeira metade do século XVIII, autor do conhecido e consultado *Erário mineral* (1735). Ferreira discorreu sobre uma enormidade de enfermidades, além de ter em vista a realidade das doenças e dos produtos curativos das Minas, descrevendo um quadro bastante rico sobre o universo curativo na Capitania durante a primeira metade do século dezoito.

O *Erário mineral* foi um dos primeiros tratados de medicina brasileira de grande circulação no país. Descrevia a experiência médica de Ferreira, entre 1708 e 1733, num livro cujos temas davam conta das principais doenças e de seus tratamentos em grandes regiões do interior do Brasil. A obra dirigia-se ao homem comum, aos pobres, necessitados de remédios mais acessíveis e baratos que os das boticas (GUIMARÃES, 2005).

Sua obra caracteriza-se como um receituário de práticas, onde as substâncias curativas faziam parte do cotidiano dos doentes. Preferiu escrever de modo claro e ser entendido por homens simples que

na maioria das vezes não possuíam o recurso de um médico ou boticário que lhe prestasse o socorro. No seu tratado médico, o cirurgião revela um talento excepcional em incorporar as práticas curativas locais, professadas por brancos, índios e negros, destacando principalmente a experiência, em detrimento da erudição acadêmica (VIANA, 2006).

As terapêuticas propostas por Ferreira são algumas vezes consideradas bizarras: acreditava-se nas propriedades curativas do pó de minhoca, do testículo de cavalo, do sangue menstrual, da terra de sepultura entre outros remédios miraculosos (VIANA, 2006).

De maneira geral, a farmacopéia colonial, assim como a arte médica e as práticas curativas populares, avizinham-se do terreno da magia e da feitiçaria, de tal modo que é possível identificar nelas as mesmas receitas e substâncias. Excrementos, plantas, raízes, pedras, ossos, ratos, morcegos, partes do corpo humano e de animais eram ingredientes que compunham tanto os receituários tradicionais de médicos e cirurgiões quanto as formulas ministradas por curandeiros, feiticeiras e benzedadeiras, evidenciando as afinidades e convergências entre a magia e a ciência médica. Assim, muitos profissionais da cura partilhavam as mesmas crenças e valores (VIANA, 2006).

Como escreve a autora, é nessa “circularidade cultural”, na tênue fronteira entre o científico e o mágico, que residem as práticas médicas exercidas no Brasil colônia.

Tanto Smedo quanto Ferreira acreditavam nas “virtudes ou qualidades ocultas” de determinados remédios. Tal crença originária da filosofia neoplatônica considerava as *virtudes ocultas* mais poderosas que as *elementais*. Seriam os instrumentos pelos quais Deus torna os objetos diferentes uns dos outros, não sendo explicáveis tais diferenças pelas qualidades elementares ou pela mistura destas. Crendo-se nas virtudes ocultas, fica mais fácil entender a ação de ervas e

animais medicinais, de amuletos ou pedras preciosas na melhora e na cura dos doentes. Tudo aquilo que não pudesse ser explicado nem comprovado experimentalmente se tornaria compreensível (COELHO, 2002).

Nas palavras de Ferreira: “Virtude e qualidade oculta é aquela de que procedem obras e efeitos que vemos e experimentamos com os sentidos, mas não os alcançamos com o entendimento (FERREIRA, 2002, p.382).

Já a simpatia e a antipatia, eram consideradas “virtudes ocultas”, mas com uma explicação como escreve:

Simpatia é uma certa amizade, conformidade e inclinação, que têm umas coisas com outras, conformando-se, buscando-se, abraçando-se e amando-se, como vemos no azougue com o ouro, na pedra de cevar com o ferro e no alambre com a palha, e outras coisas (FERREIRA, 2002, p.382).

Já a antipatia é:

Uma certa inimizade, repugnância, aversão e discórdia, que têm entre si umas coisas com outras, assim viventes, e sensitivas, como as que não têm vida nem sentimento: isto se deixa ver nas cordas de viola feitas de tripa de lobo, que, se ajuntarem com as que foram feitas de tripas de carneiro, as rói, e as corta, como se fosse uma navalha [...] pela antipatia que esses animais têm entre si, não só quando são vivos, senão também depois de mortos (FERREIRA, 2002, p.382-383).

Como remédios dotados de “virtude oculta” de simpatia e antipatia, Paracelso no século XVI prescrevia os seguintes:

*Unguento vulnerário:* A afinidade ou harmonia das coisas é causa de muitos acontecimentos. Temos experimentado a verdade deste axioma com a Úsnea encontrada dentro de um crânio humano abandonado por algum tempo ao reles-to. Com a citada Úsnea será composto o seguinte remédio: úsnea, múmia, graxa humana, azeite de linhaça, azeite de rosas, sangue humano e bolo armênio. Machucar tudo isto em um recipiente até que tenha a consistência de um unguento, e logo deverá ser conservado em uma caixa de madeira. Se te acontecer uma ferida, embebe um pedaço de madeira no sangue da mesma e coloca-o no unguento, logo o sangue secará sobre o pedaço de madeira. Todas as ma-nhãs envolverás a ferida com um novo lenço previamente molhado com a urina da pessoa ferida. Por maior que seja a ferida, esta será curada, sem emplasto, sem nenhuma dor. Desta forma poderás curar muita gente a vinte milhas de distância de ti, sempre que possas ter certo volume de san-gue do enfermo. Este mesmo remédio poderá ser aplicado a outras enfermidades, tais como dor de dentes, etc. Qualquer classe de dor será sanada, se colcares o pedaço de madeira com sangue nesta pomada.

*Unguento das armas:* Mediante este mesmo procedimento, também podes preparar um unguento que sem dor curará todas as classes de feridas, sempre que untares com este unguento as armas que tenham causado ferida em alguém. O unguento é este mesmo anteriormente indicado acrescido de mel e graxa de touro. Como nem sempre se tem em mãos as armas causadoras da ferida, a cura com o pedaço de ma-deira é também excelente (PARACELSO, 1945, p.67-68).

Entretanto, as obras de Semedo e Ferreira não devem ser consideradas como expressões do obscurantismo e do atraso que marcaram o conhecimento médico dos séculos XVII e XVIII, pois isto equivaleria sobrepor à interpretação histórica juízos de valor colocados por doutrinas posteriores que demarcaram fronteiras entre o popular e o erudito, entre a ciência e a magia, próprias à afirmação das ciências médicas do século XIX. Ou mesmo imaginar uma progressão linear e acumulativa do conhecimento tomado numa única e exclusiva direção (WISSENBAACH, 2002).

# A TERAPÊUTICA EXCREMENTÍCIA NA HISTÓRIA

**H**istoricamente tais práticas são registradas desde a antiguidade, como por exemplo, na História Natural de Plínio (o Antigo) e na obra *De materia medica* do autor greco-romano Pedânio Dioscórides Anarzabeo, para o qual o leite de mulher é muito doce e alimenta mais que os outros; mamado das tetas é muito útil nos problemas estomacais e na tísica; misturado com pó de incenso e pingado nos olhos que sofreram de hemorragia; misturados com mecônio e ceroto é útil contra a gota. O sangue menstrual de mulher untado no ventre torna-as estéreis; o mesmo aplicado alivia as dores da gota e do mal de Santo Antônio. As fezes do homem, frescas aplicadas como cataplasma impede a inflamação e fecham as feridas abertas; seco e misturado com mel é muito útil contra amigdalites. A urina de homem bebida é um antídoto contra picadas de víbora, contra os venenos mortíferos e contra o início da hidropisia. Aplicada com panos quentes na fomentação contra a picada de ouriços, escorpiões e dragões marinhos. Beber a urina de adolescentes imberbes é útil aos asmáticos. Cozida com mel em vaso de cobre limpa as cicatrizes de feridas, as manchas da visão, serve para soldar os ossos quebrados. A urina friccionada sobre a pele alivia a erisipela e o fogo de Santo Antonio (DIOSCORIDES, 2000).

Assim, desde a antiguidade eram usadas as propriedades de cura de três secreções do organismo humano: a saliva, o excremento e a urina. O uso da saliva era a mais popular. Desde a narrativa do evangelho sobre como Jesus recuperou a visão de um cego (João 9, Marcos 8) aplicando saliva nos olhos do homem (GARDNER, 2002).

O médico e farmacêutico alemão Johann Schröder (1600-1664) na sua obra *Pharmacopoeia Medico-Chymica* (1644) relaciona os seguintes produtos humanos usados na época como medicamentos: cabelos, unhas, saliva, cerúmen, suor, leite, sangue menstrual, cordão umbilical, urina, fezes, sêmen, sangue, cálculos, placenta. Dos cadáveres: múmia, pele, gordura, ossos, medula, crânio, úsnea (musgo do crânio), cérebro, fel, coração:

Cabelos contra hemorragia e icterícia; unhas dos pés e mãos contra o vômito (rasuras pulverizadas misturadas com vinho); saliva do homem em jejum contra mordidas venenosas de serpentes e cães raivosos; cerúmen contra cólicas e fissuras da pele; Suor contra escrófulas; leite contra inflamações oculares; mênstruo contra cálculos renais e epilepsia; cordão umbilical contra epilepsia e usado como amuleto contra cólicas; urina usada internamente contra nas obstruções hepáticas, vesícula biliar, hidropisia, icterícia, preservação contra a peste, facilitação do parto, externamente contra a escabiose, tumores e gangrena; fezes usadas na maturação de tumores cutâneos, contra ataques epilépticos, em febres e paroxismos prolongados, externamente usada contra piolhos, erisipela, impigens; sêmen usado no tratamento da esterilidade masculina; sangue recentemente recolhido usado contra a epilepsia, hemorragia nasal, misturado com leite para tirar manchas cutâneas, tratamento da podagra; cálculos para dissolver partes sólidas nas obstruções; placenta usada contra as dores das cólicas.

Dos cadáveres: pó de múmia (cadáver integro) usada nos problemas de coagulação sanguínea e epilepsia (aqua divina, feita com cadáveres que morreram violentamente); pele usada nos partos difíceis e dores nas articulações; gordura nas dores musculares, contraturas, cicatrizante; pó de ossos usados como secantes dos fluxos catarral e menstrual, disenteria e lienteria; medula na contratura dos mem-

bros; Raspas do crânio calcinadas no tratamento da epilepsia; úsnea usada contra a hemorragia nasal; cérebro de jovem saudável com morte violenta com membranas, artérias, veias, nervos e medula espinhal contra a epilepsia (aqua antepileptica); fel humano contra surdez do ouvido; coração contra a epilepsia (SCHÖRODERO, 1644, p.270-281).

Uma obra que pode ser considerada como um tratado clássico sobre o tema é *Medicus microcosmus* (publicado em Londres em 1660) do médico e alquimista alemão Daniel Beckher (também conhecido pelo seu nome latinizado Daniele Beckhero, 1594-1653). Nesta obra o autor faz prescrições do uso medicinal dos seguintes produtos da espécie humana (dos vivos):

Cabelos e barbas usados contra icterícia, luxação dos membros, mordida de cães raivosos, contra a letargia, queimados contra epilepsia, sufocação do útero, apoplexia, hemorragia, pelos da barba como amuleto contra febres quartãs; unhas usadas no tratamento da espinhela caída, manchas, na rasuras no vinho usadas contra vômitos e febres terçãs e quartãs; saliva do homem em jejum contra o veneno das serpentes, escorpiões, aranhas, cães raivosos e mordidas humanas, no tratamento das dermatoses, furunculoses, dores no pescoço, erisipela, inflamação ocular, verminose, cálculos da vesícula, escabiose, lues venérea; cerúmen (*aurium sordibus*) nas cólicas, picadas de escorpiões e serpentes, fissuras das mãos; Suor: usado no tratamento das escrófulas, morbo, lepra, escabiose, peste. Leite de mulher: usado no tratamento da tuberculose (*phtisi & hectica*); contra a disenteria; melancolia; paroxismo das febres; epilepsia; doenças oculares (*aqua ophthalmicae collyrium*); dores de ouvido; dores da podagra; icterícia; problemas uterinos; dores de hemorróidas; sangue menstrual: contra a podagra, lepra, cólera; epilepsia; apostemas erisipela; placenta e cordão umbilical: contra as dores do pós-parto; epilepsia; melancolia, cólicas, na forma de pó como acelerador do parto; urina no trata-

mento da tinea, epilepsia, doenças oculares, fluxo lacrimal, dores de ouvido, surdez, lavagem dos dentes, tremores dos membros, obstruções, hidropsia, icterícia, retenção urinária, sufocações, lombrigas, impotência masculina, escabiose, podagra, peste, febre intermitente, doenças venéreas, câncer, ulcerações, contusões, crescimento dos pelos, paralisia, erisipela, menstruação irregular, gangrena. Continua com o uso terapêutico de fezes, sêmen, sangue, cálculos renais e dos cadáveres, pele, gordura, cérebro, crânio, liquens (úsnea) do crânio, ossos, dentes e pós de múmias (BECKHERO, 1660).

Outra obra clássica sobre o tema é a do médico e químico suíço Emanuel König (1658-1711), professor de medicina em Basiléia, intitulada *Regnum animalium* (1698), na qual o “artículo II” examina os medicamentos originários do homem, entre os quais: urina, sangue, leite humano, gordura, múmias, unhas, cabelos, raspas dos ossos do crânio, cório, placenta, fezes (KÖNIG, 1698, p.248-259).

Um dos tratados mais conhecidos de medicina excrementícia é a obra do médico alemão Christian Franz Paullini (1643-1712) *Dreck-Apotheke* de 1696. Cujó título completo traduzido é “Farmacopéia da imundície, novamente melhorada, e curadeira, em que, principalmente, com urina e excremento, interna e externamente usados, se cura com felicidade, da cabeça aos pés, quase todas as doenças e feitiçarias, mesmo as mais difíceis e venenosas” (ANDRADE, 1972).

A obra *Parnassus medicinalis illustratus* de 1663 do alquimista alemão Johann Joachim Becher (1635-1682) que teria afirmado: “se tendo urina de gente em casa, pode-se passar muito bem sem o resto dos remédios da botica” (ANDRADE, 1972).

Uma obra clássica sobre zooterapia é do próprio Lineu e do seu orientado Jonas Sidrén (1750) que realizaram um levantamento de 69 espécies animais de uso terapêutico, inclusive da própria espécie humana, na abertura do capítulo sobre os quadrúpedes, cujas partes e



Figura 1: Frontispício da obra Dreck-Apotheke (1669).

produtos humanos referenciados foram: múmias do Egito, rasps dos ossos do crânio, ossos, gordura, sangue e urina. No caso coloca em dúvida a eficácia destes produtos no tratamento da epilepsia (LINNAEU, 1750 LINNAEI, 1763).

No período histórico colonial brasileiro destacam-se: nas duas edições da obra de PISO de 1648 e 1658 (nas edições brasileiras de 1948, p.37, 47; 1957, p. 91 e 573) ao tratar da medicina indígena no Nordeste brasileiro, refere-se ao uso terapêutico do “leite de mulher” na cura das “doenças comuns de mulheres e crianças” e também contra os males dos olhos. Em outras indicações, relata que os índios usavam a saliva de pessoa em jejum contra as picadas de serpentes.

Os médicos portugueses Simão Pinheiro Morão (c.1618-1685) e João Ferreyra da Rosa (c.1659-1725) atuaram em Pernambuco no final do século XVII e deixaram obras importantes sobre as suas experiências médicas na colônia. A de Morão intitulada *Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitânicas se observam tanto em dano das vidas dos seus habitantes* de 1677 e a de Rosa intitulada *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco* de 1694.

Nestas os dois médicos portugueses fazem referências ao uso de produtos e excreções humanas na terapêutica. Para Morão, o leite de mulher deve ser tomado nas febres e na doença da “mania”; tomar o seu soro como medicamento. Urina de criança deve ser usada misturada a outros produtos para fazer clisteres aplicados nas apoplexias ou “ouras” e também para aplicar nas “partes paralíticas” como emplastro quente na doença do “ar” com mostarda pisada e cozida em urina. Pó de casco de homem contra os ataques de epilepsia segundo Zacuto Lusitano colocava-se o pó de unhas em água de “betônica” ou de cerejas para ser bebido, conforme o sexo do paciente se fosse homem deveria ser o pó das unhas de homem, se fosse mulher deveria ser de mulher (ALMEIDA, 2010)

Já para Rosa, o leite de mulher deve ser usado junto com suco do maracujá-mirim; como clister com ação “alexifármaco”; baseado em Rivério recomendava leite de mulher “que pariu fêmea” como

“oxirrodino” (mistura de vinagre e água ou azeite de rosas) para combater as dores de cabeça aplicado como compressa no local (ALMEIDA, 2010).

# SEMEDO E FERREIRA

**A** seguir são apresentados os resultados do levantamento de produtos e excreções humanas usados como recursos terapêuticos nas duas principais obras dos autores Semedo (1697) e Ferreira (1735).

**Quadro 1: Uso terapêutico de produtos ou excreções humanas na obra “Polyanthea Medicinal” de João Curvo Semedo (1697).**

Produtos ou excreções humanas	Doenças ou problemas humanos	Prescrições originais
1 Urina	Icterícia (transferência e simpatia)	...a ourina primeira que o ictérico mijar, misturem um pouco de farinha de trigo, & fizerem um bolo, & o derem de comer a um cão, ou gato, se transplantará a ictericia no gato, ou no cão, & o doente começará a ter saúde. A mesma melhora sentirá o ictérico, se todas as noites molharem um pano de linho novo na sua ourina, & o puserem ao sereno nos mingantes da Lua (p.79).

2 Urina	Impotência masculina (transferência)	Hum homem muito fidedigno me affirmou, que estando ligado, lhe ensinarão que fosse ao mar, & fizesse lançar as redes, & se viesse algum peixe chamado cabra, lhe abrisse a boca, & lhe ourinasse dentro, & que feita esta diligencia, tornasse a deitar o peixe vivo ao mar; & que fazendo-o assim, se lhe tirara toda a impotência, & que ficara livre de um achaque que tanto o molestava, pois sendo casado se achava incapaz para os actos conjugaes (p.80).
3 Urina	Tremores	Eu tenho muito grande experiência do banho da própria ourina, assim para os Tremores dos nervos, como para os gottosos (p.164).
4 Urina	Garrotilho (crup ou angina)	...gargarismos de ourina de menino virgem (p.271).
5 Urina	Dores de cólicas intestinais	Se a dor não obedecer, faremos tomar duas, ou três ajudas de meyo quartilho de ourina de menino, servida com huma oitava de raiz da Bicha machucada (p.363).
6 Urina	Icterícia (simpatia)	Algumas Ictericias, de que já não havia esperança, vi curar, & eu também curei, com o seguinte remédio. Enchão a casca de hum ovo com a ourina do doente Ictérico, ponha-se o dito ovo atraz de uma chaminé, aonde com a vizinhança do calor, se vá gastando a ourina, & observarão que ao passo que ella se for secando, se irá a Icterícia desvanecendo. O mesmo efeito faz o panno de linho novo, molhado todas as noites na ourina do Ictérico, & pondo-o ao sereno nos minguantes da Lua, continuando este remédio até que sare (p.415).
7 Urina	Erisipela	Ensinarey o remedio de que tenho muyto grandes experiências, & que he banhallas com a própria ourina repetidas vezes no dia (p.464).

8 Urina	Hidropisia	Tomem uma canada de ourina de minino macho, deite-se em huma panela com meia onça de raízes de Grama, & outra meia onça de raízes de Salsa da horta (p.471).
9 Urina	Hemorróidas	Algumas pessoas experimentam grande proveito lavando as almorreimas todos os dias com a própria urina (p.431).
10 Urina	Hidropisia	...faço beber ao Hydropico todos os dias em jejum, por tempo de três mezes, meyo quartilho de ourina fresca de minino macho (p.472).
11 Urina	Hidropisia	...cingindo por cima com um panno tinto em Anil molhado em ourina quente (p.472).
12 Urina	Hidropisia	Deitava-lhes nos primeiros quatro dias ajudas de ourina de minino macho, cozida com folhas de Cardo santo (p.474).
13 Urina	Obstrução do baço	...que ponhão muytas vezes no dia sobre a dureza do baço hum panno azul, molhado na própria ourina, em que se misturem cinzas de pao de Tamargueira (p.495).
14 Leite de mulher	Excesso de lactação (simpatia)	Consta por repetidas experiências, que se amassarem huma pouca farinha com leite de mulher a quem o quiserem seccar, & fazerem da tal farinha, & leite hum bolo, & o puserem na chaminé aonde o fumo, & a quentura lhe cheguem, se secará o leite ao mesmo passo que o bolo se for seccando (p.79).

15 Leite de mulher	Tuberculose	... leite, que he o único remédio em que Galeno tem toda a confiança; & se este leite for de mulher moça, & sadia, & se for mamado dos mesmos peitos, poderemos justamente esperar que surta maravilhosos effeitos; porque todos os Doutores concordão, que o leite de mulher he o melhor de todos, por ser o mais proporcional, & análogo a nossa natureza: bem he verdade que não he fácil de achar mulher que queira dar de mamar a hum tísico, assim por temor da doença, como por pejo natural (p.195).
16 Leite de mulher	Pleurite purulenta	Dar todos os dias ao doente leyte de mulher moça, & robusta, será muyto melhor, porque he mais análogo, & proporcionável com a nossa natureza, por ser da mesma espécie (p.337).
17 Leite de mulher	Disenteria	Nem he menos fructuosa para os puxos nascidos de calor, uma mecha feita de fios, & remolhada clara de ovo, água Rosada, & leyte de peito, tudo misturado com um pouco de Alvyade (p.398).
18 Leite de mulher	Hemorróidas	Metam dentro da via uma mecha feita de partes iguais de água Rosada, leyte de peito, & pó sutilíssimo de Alvyade (p.432).
19 Fezes de recém-nascido	Sinais; manchas da pele	A mesma ou maior virtude attribuem muitos ao ferrado, que se tira as crianças quando nascem; com tal condição que se applique muitas vezes cada dia (p.119).
20 Fezes	Manchas oculares	Aconselha Arnaldo, que lhe deem estercor de minino, queimado até se fazerem carvão (p.245).
21 Fezes	Esclerodermia localizada	Consta-me por algumas experiências, que untar as manchas da Morfea com estercor fresco do homem, & deixado ficar toda a noite, gasta as manchas, as impingens, & as sardas de qualquer parte do corpo (p.456).

22 Saliva	Sinais; manchas da pele; calos	A saliva dos que estão em jejum tem um certo sal volátil penetrantíssimo, que não só desfaz, & gasta as nodoas, mas consome os calos; com tal condição que se applique dous, ou tres mezes sucessivos, esfregando-os com força (p.119).
23 Saliva	Névoa nos olhos; catarata	Mastigarão uma sopa de mel de enxame novo, & logo mastigarão humas folhas verdes de Loureiro, & então abrindo o olho da nevoa o bafejarão, & lamberão com a ponta da língua, & tirando-a do olho a meterão na superficie da água, que terão em um alguidar, e logo tornarão a lamber da mesma fonte o olho sete, ou oito vezes sucessivas dentro de meyo quarto de hora, metendo de cada vez a ponta da língua na superficie da água, & desta fonte continuarão oito, ou dez dias, & no fim delles experimentarão o feliz successo que desejão (p.249, 251).
24 Saliva	Impigens	Aplicar todos os dias sobre a impingem huma pouca de saliva de pessoa que esteja em jejum (p.449).
25 Mênstruo	Sinais; manchas da pele	Também o sangue menstrual applicado sobre as nodoas, varias vezes no dia, as costuma tirar (p.119).
26 Mênstruo	Esclerodermia localizada	Se misturarem o sangue mensal de qualquer donzella, com huma pouca de água quente, & com esta água tinta do sangue lavarem as nódoas da Morfea ao deitar na cama, deixando-a seccar per si, repetindo este lavatório por cinco, ou seis dias, creyo se tirarão as nódoas, & se comerá a demasiada vermelhidão do rosto (p.457).

27 Mênstruo	Erisipela	Molharão um panno de linho novo em o sangue mensal de qualquer donzela sadia, & este se enxugue à sombra, & se guarde, & quando houver Erisipella, deitarão a metade deste panno dentro de mea canada de água servida primeiro com farelos, & umas pingas de vinagre Rosado, & molhando panos picados nesta tal água. & pondo-os mornos muitas vezes no dia sobre a Erisipella, a cura sumamente bem (p.463).
28 Sangue	Hemorragia uterina (transferência)	...uma Senhora nobre, que padecia um fluxo de sangue uterino, a que o povo chama sangue-chuva; & estando já desconfiada da vida, lhe aconselhei, que molhasse um pequeno de pão naquelle sangue, & o desse a comer a huma porca, ou a uma cadella; & fazendo-o assim, começou a ter saúde daquelle dia por diante, porque se transplantou o fluxo para a porca (p.79).
29 Sangue	Transtorno bipolar (mania)	A tintura do sangue humano, & a das flores do Hiperião [...] he remédio soberano para os Maniacos, & imaginativos (p.221-222).
30 Sangue	Ferimentos	O sangue da vea Arca de um homem são, & robusto, tirado nos primeiros dias dos Caniculares, & tomado em vaso de barro novo, & trazido ao Sol até que seque muyto bem, cura qualquer ferida grande, ou pequena (p.599-600).
31 Sangue de placenta	Sinais; manchas da pele	Entre os remédios fieis, benignos, & eficazes, he um delles o sangue das páreas, porque de algumas experiências consta que tirou grandes sinais applicando-o muitas vezes no dia (p.119).
32 Fluxo vaginal	Corrimentos (simpatia)	Se molharem um panno no fluxo da mulher, & o pendurarem na chaminé ao fumo, & calor do lume, ao passo que o panno se for seccando, se irá suspendendo o fluxo (p.572).

33 Cabelos	Modorras	Os cabellos do mesmo doente queimados, & misturados com vinagre, & um pouco de pó de castoreo, metidos pelas ventas do nariz, costumam ser mui proveitosas (p.127).
34 Suor	Hemorróidas	Untar as almorreimas com o suor de um agonizante, as cura de sorte que nunca mais voltarão a doer (p.431).
35 Hálito	Manchas e sinais da pele	O bafo de boca de qualquer doente moribundo, chegado a alguma nodoa, ou sinal vermelho, ou roxo, com que algumas crianças nascem, a que o povo chama Rosa do rosto, & os Doutores chamam Naevi materni, os faz desaparecer dentro de quinze, ou vinte dias (p.601).
36 Pó de cadáver	Quebradura dos meninos	Torrem de Múmia, subtilissimamente pulverizada, duas onças, de pó subillissimo de pé de Leão, huma onça (p.536).
37 Pó de cadáver	Palpitações cardíacas	Melhor que tudo he dar ao doente hum escrópulo, ou dous, de Mumia de homem, que não morresse dedoença, misturada com três onças de água de herva Cidreira, ou cozida com Canela finíssima (p.721).
38 Pó de crânio	Epilepsia	Tomem de magistério de casco de caveira de homem que não morresse de doença, nem fosse enterrada, três oitavas (p.75).
39 Dentes de cadáver	Impotência masculina	Queixando-se-me certo homem, que estando casado se achava incapaz para os actos do matrimonio [...] ordenei que defumasse as partes pudendas com os dentes de huma caveira; & foi o effeito tão presentaneo, que huma só vez que tomou estes fumos, bastou para o livrar de uma queixa que tanto o penalizava (p.80).
40 Mão de cadáver	Sinais; manchas da pele	Mas o remedio que excede a todos, he que ponhão sobre a nodoa, ou sinal a mão de um defunto, deixando-a estar tanto tempo, até que a pessoa doente sinta frialdade da mão do morto (p.119).

41 Gordura	Paralisias	Tomem um quartilho daquele pingo, ou gordura, & antes que se quoaalhe, lhe ajuntem de cevo de homem (p.141).
42 Raspas de crânio	Convulsões	A água que o doente beber, em quanto se curar, seja cozida em salsa parrilha, cascas de pão Guajaco, osso de veado, & razuras de cráneo humano que não fosse enterrado (p.157).

**Quadro 2: Uso terapêutico de produtos ou excreções humanas na obra “Erário mineral” de Luis Gomes Ferreira (1735).**

<b>Produtos ou excreções humanas</b>	<b>Doenças ou problemas humanos</b>	<b>Prescrições originais</b>
1 Urina	Obstruções	Também tenho curado algumas obstruções destas com ourina de minino macho, sendo fresca, e não antiga, ou de homem sadio misturada com mel de pão; a saber, três partes de ourina, e huma de mel, tudo bem misturado, e quente se tome pela manhã em jejum (p.82).
2 Urina	Icterícia (simpatia)	Fação uma pasta de algodão do tamanho da palma de huma mão, e ponha-se dentro de hum tacho, e o doente lhe ourine em sima, e depois se escorra a ourina, que quizer sahir, e se ponha o tacho com a dita pasta em sima do fogo, até que fique seca, e depois se guarde para tornar a fazer o mesmo quatro ou cinco dias, huma cada hum, sempre com a mesma pasta, e sarará o doente (p.120).

3 Urina	Asma (simpatia)	Meter a ourina do asmático em huma ponta de boy, e pendurada na chaminé, se vay diminuindo a asma ao compasso, que a ourina se vay secando: se se fizer este remédio, não fará dano, nem se perderá nada; porque se tem visto em cousas, que parecem ridículas, ou embustes de benzedeyras, acharem-se alguns remédios admiráveis, o que se não pode negar (p.144).
4 Urina	Geofagia	...ourinar em hum púcaro de barro, deyxando secar a ourina, e depois feito em pó dallo a beber a quem comer barro, o fará aborrecer de modo, que nunca mais torne a comello (p.158).
5 Urina	Gota	Nas dores da gota, he darlhe banhos de ourina de minino morna por algum tempo, e depois cobrir a parte com pós de raiz de butua (p.185).
6 Urina	Dores de gota	Os banhos de ourina são admiráveis, e se a ourina for com o calor natural, será melhor, ou do próprio doente, ou de pessoa sadia (p.216).
7 Urina	Asma	Ajuntem ourina de mininos de idade de três, ou de quatro annos, até que façam duas libras, e se deyte em panella nova vidrada, e se lhe lançará dentro uma mão cheya de raizes de malvas para esfregar nas costas do doente (p.336).
8 Urina	Tumores	...também alguns tem sarado, bebendo em jejum por muyto tempo ourina de minino, ou não a havendo, da sua própria:
9 Urina	Contusões	... se fomite com ourina, e cosimento de capeba, se a houver, ou ourina por si sómente bem quente, cobrindo com pós de almecega, e de breu, ou hum delles (p.385).

10 Leite de mulher	Inflamações dentárias	Lance-se uma gota de leyte de peito em um prato, nelle se lance hum pano de linho fino do tamanho, que cubra a tal inchação; e estando estendido, e affogado no leite, se pulverize todo o pano com pós sutis de incenso, e morno o prato em cima de umas brazas, se aplique o dito pano com o incenso assim morno em cima da inchação, e secando-se, se molhe por cima com leyte fresco, ou se renove as vezes que for necessário (p.102).
11 Leite de mulher	Ferimentos oculares	Sumo de funcho, e leyte de peyto o que quizerem, misture-se, e se use: he bom para feridas nos olhos (p.116).
12 Leite de mulher	Catarata	...e se misturem com leyte de peyto, e se deytam as pingas dentro nos olhos (p.117).
13 Leite de mulher	Sonífero	Semente de alface em pó misturado com leyte de mulher, que crie minina, e gemas de ovos, fazendo uma cataplasma, applicada na testa, também provoca o sono (p.215).
14 Leite de mulher	Escoriações do pênis	...e se for no membro viril, depois de feyta a cura, se levantará para cima com sua atadura: e havendo grande dor por serem estas partes muyto sensitivas, se use de leyte de peyto com alvaiade (p.412).
15 Leite de mulher	Maculo	...não havendo limão, se poderá usar de fios, e panos molhados em leyte de peyto com alguns pós de alvaiade (p.421).
16 Leite de mulher	Urina sanguinolenta	A este sintoma lhe acodiremos, dando ao doente grande quantidade de leyte de mulher (p.456).
17 Fezes	Catarata	Se fação pós do primeiro curso, que fazem as crianças quando nascem, a que chamão ferrado; se fação pós do esterco de mininos, e se use por canudo (p.117).

18 Fezes	Varíola	Darão ao bexigoso duas vezes no dia huma oitava de pó de esterco de minino sadio; mas não sayba o doente qual he o remedio. Este he excellentíssimo, e com elle tem escapado muitos da morte (p.130).
19 Fezes	Para a separação dos amantes (antipatia)	Tomem o esterco do amancebado, metão-no nas solas dos sapatos da manceba, ou nas palmilhas delles e o esterco da manceba o metão nas solas, ou palmilhas dos sapatos do mancebo, que logo se aborrecerão de modo, que não poderão ver hum ao outro, e se apartarão, sem que ninguém os obrigue. He remédio de virtude oculta, como são muytos (p.162).
20 Fezes	Sinais e manchas	Untar os sinaes com o primeyro esterco das crianças quando nascem, a que chamão ferrado, deyxando-o secar na parte, he bom remédio (p.187-188).
21 Fezes	Cravos e verrugas	Hum pequeno de esterco humano fresco se ponha em um pano grosso, e que também fique grosso; isto se porá em cima do cravo, ou verruga, e não se lhe bulirá, se não passadas 48 horas, no fim das quaes se tirará o remedio (p.206).
22 Fezes	Alcoolismo	...darlhe a beber o vinho, em que misturem um bocado de esterco de homem (p.220).
23 Fezes	Picadas de ofídios venenosos	O melhor remédio sobre todos, quantos os autores tem descoberto, e a industria dos homens tem penetrado até o dia de hoje, ainda que he áspero, e horroroso para se tomar pela boca, he o esterco humano desfeyto em qualquer liquido, e bebido na quantidade, que cada hum lhe parecer. Digo que he sobre todos quantos há; porque assim o tem mostrado a experiência, que quantos tem bebido esta soberana triaga, todos triunfarão da morte, estando com ancias mortaes, e se for do próprio doente será melhor (p.471).

24 Secreções vaginais	Panarício	...e sendo em mulher meta o dedo no seu vaso natural por espaço de hum quarto de hora [...] que obra por virtude occulta, e tira as dores (p.140).
25 Secreções vaginais	Queimaduras de água fervente	...não sahindo logo a pelle, mandem lavar uma mulher por bayxo, e com aquella água lavem a queymadura, pondolhe panos molhados, que estarão livres de esfolar, nem de impolar, e ficarão logo são, como eu tenho visto algumas vezes (p.141-142).
26 Gordura	Sinais de varíola	Quem usar do óleo humano, ou por outro modo, óleo feito do unto de homem, se for do rim, será melhor, e há de morrer esquartejado, ou sem frio, nem febre, pondo-o com uma penna nas covas, que deyxão as bexigas, ou nas suas nodosas, e continuado por algum tempo aproveytará maravilhosamente, como eu já experimentey em minha casa por achar o tal óleo numa botica (p.129).
27 Gordura	Para fazer nascerem cabelos	He experiência certíssima, que rapada a cabeça à navalha quatro, ou cinco vezes, e untalla com sebo de homem esquartejado, ou com seu óleo por tempo de hum mez faz nascer o cabelo; e se untarem a cabeça dous meses com o dito sebo, lhe nascerá tanto, que não terão vontade de mais; tira também certamente as manchas, e sinaes das bexigas, e desfaz as suas covas, untando-as todos os dias duas vezes com o tal sebo, ou com o seu óleo; e também desfaz as cicatrizes das feridas, que ficam na cara, ou mãos, o qual se acha em algumas boticas vendido pelos carascos; porém há de se aplicar logo no princípio, ou ao menos de pouco tempo (p.148).

28 Saliva	Calosidades	Mastigar papel pardo pelas manhãs em jejum todos os dias, e porlhe aquella massa em sima, que os cubra por tempo de oito, ou dez dias, e depois metellos em água quente por tempo de meya hora, com muita facilidade se tirarão; e a razão he por respeito da saliva, que pelo sal volátil, que tem, penetra efficazmente a dureza do callo, e o abranda tanto, como se fosse cera junto do fogo; mas he necessário, que o papel se traga na boca por muito tempo, para que embeba em si o sal volátil da saliva; o que se fará, e o porá todos os dias, e pode andar de pé (p.149).
29 Mênstruo	Tumores:	Esfregar os papos com hum pano molhado em sangue mensal, e depois de esfregado porlho em cima, isto feito por muytas vezes; mas com tal condição, que não seja do primeyro sangue, ou do primeyro dia; porque este lhe tirara a pelle fora (p.376).
30 Mênstruo	Sinais e manchas da pele	O mesmo faz o sangue mensal das mulheres, posto na nodoa (p.187-188).
31 Mordidas de mulher menstruada	Tumores	...se mande por huma mulher, que estiver que estiver com sua conjunção mensal, que morda com os dentes todo o tumor, apertando-o bem muytas vezes, e depois de mordido se lhe atem cordas de viola por cima delle, que alguma cousa apertem; e a mulher o ira mordendo todos os dias em jejum enquanto lhe durar o sangue, e e continuará com outra do mesmo modo; porque estes dous remédios tem curado alguns (p.375).
32 Pelos pubianos	Acidentes uterinos	Cortem os cabellos das partes bayxas da própria doente, e botemnos em braza, e tome aquelles fumos pelos narizes debruçada em sima, que logo se livrará do parosismo por modo de milagre; he experimentado muytas vezes (p.111).

33 Toque de dedos	Epilepsia (simpatia)	Estando a pessoa com accidente de gota coral, busquem uma minina virgem, e ponha os dedos da mão em cima do peito do enfermo, que logo tornará em si (p.208).
34 Placenta	Sinais e manchas da pele	Alimpar ou esfregar as manchas com as pernas ainda quentes de huma mulher parida faz o mesmo effeyto (p.187-188).
35 Cabelos	Alcoolismo	...fatia de pão, que estivesse duas horas no sol de um homem agonizante [...] Tomem a cabeça de um cordeyro com lã, ossos e dentes, e hum quartilho de sangue do mesmo cordeyro, e huma mão cheia de cabelos da cabeça de qualquer homem, e o fígado de uma enguia com seu fel; tudo junto se meta em uma panela barrada, com seu texto tudo novo, e se meta no forno, até que fique tudo bem torrado para se fazerem pós do que tiver dentro da panela, dos quaes se darão ao bêbedo todos os dias huma oitava delles em vinho; que muy poucas vezes beberá, e dahi por diante o não beberá em toda a vida (p.220).
36 Mortalha usada	Hemorróidas (antipatia)	...recolher as almorreymas, pondolhe em cima, e carregandolhe com hum pedaço de lençol, ou mortalha, em que tenham amortalhado algum defunto, porque recolhendo-as com o tal pano de mortalha, não tornarão mais a sahir: eu o experimentey algumas vezes, e he certo, e o mesmo faz em recolher o sesso sahido fora (p.154).
37 Terra de sepultura	Geofagia	Deytay um punhado de terra de qualquer cova de defunto em huma quartinha de barro de boca estreyta, e enchendo-a de água, desta água dareis a beber a pessoa, que come barro, e não o comerá mais. [...] Os pós de casco da caveyra de um defunto sutilíssimos, e dados a beber por quatro dias contínuos em água de flor em quantidade de meia oytava, fazem aborrecer o barro (p.158).

38 Toque de mão de cadáver	Sinais e manchas da pele	Pór em cima do sinal a mão de qualquer defunto, e deyxalla estar até que a parte se esfrie bem, faz desaparecer os sinaes, ou manchas dentro de poucos dias (p.187-188).
39 Dentes de cadáver	Impotência masculina	Aquelles, que sendo moços robustos, e muy potentes para com suas mancebas, casando-se, se acharão incapazes de consumir o matrimonio; estes diz o Doutor Curvo na observação 101, que defumem as suas partes vergonhosas com os dentes de uma caveyra postos em brazas, e sem mais outra alguma diligencia ficarão desligados, e capazes de actos conjugaes sem duvida alguma (p.195).
40 Dentes e ossos de cadáver	Dores de dente; maleita	Hum dente de defunto, que morresse de pura velhice, sem frio, nem febre, tocando com elle em qualquer dente, que doer, o fará cahir sem ferro nem outra violência [...] Hum osso de defunto atado ao pescoço de quem tiver maleytas, terçans, ou quartans, pela mayor parte as tira (p.219).
41 Pó de cadáver	Contra-veneno	Tomem triaga de múmia, meya ou uma oitava (p.459).

Quando se comparam os quadros 1 e 2, pode-se perceber que os usos e prescrições são bastante semelhantes, mesmo levando-se em conta os 38 anos que separam as edições das duas obras. As prescrições dos dois autores envolvem doenças, indicações cosméticas e até problemas de relacionamento entre casais. Além das receitas, também existem indicações de procedimentos de simpatia e antipatia, ou mesmo de prescrições envolvendo a ideia de transferência de doenças do homem para os animais, que possuía sua gênese em concepções astrológicas, diretamente vinculadas ao conceito de influências de natureza antropomórfica, e de efeito à distância.

Mesmo que Semedo, através do uso do Antimônio e seus derivados, seja considerado como um dos pioneiros da introdução dos medicamentos químicos em Portugal nos finais do século XVII (SANTOS, 2005), em seu arsenal terapêutico não abria mão dos princípios galênicos e das práticas da medicina mágica e astrológica. Como pode ser visto no quadro 1, diversas das suas prescrições são simpatias e transferências, no que é imitado por Ferreira (quadro 2).

Podemos considerar que Ferreira era um seguidor de Semedo, que aplicou a sua terapêutica adaptada às condições do Brasil (WISSENBACH, 2002). Ele próprio em sua obra faz diversas referências ao “Doutor Curvo”, a quem parece considerar como mestre.

Como se pode constatar as práticas terapêuticas com produtos e excreções da espécie humana não eram exclusivas de povos tradicionais (superstições de “bárbaros”) como geralmente se acredita. Pelo contrário, até o século XVIII era parte integrante da medicina praticada e ensinada nas grandes universidades européias ocidentais.

Segundo Campos (1960) no Brasil, diversas práticas comprovavam o poder e o valor da saliva do homem em jejum, quando não come nem bebe antes da aplicação do cuspo, pode ele curar todas as impigens, coceiras, crostas, pústulas, e úlceras; se bichos venenosos, como escaravelhos, aranhas, vespas, etc., ferroaram qualquer parte do seu corpo, seus venenos causam inchaço, dor e inflamação: basta esfregar o local com saliva, estando em jejum e todos esses maus efeitos desaparecerão.

No Nordeste brasileiro, se pratica contra a dor de dente, que para evitar sofrimento dessa natureza, nada melhor do que o enfermo cuspir na boca de uma aranha caranguejeira (CAMPOS, 1960).

Essa prática de magia está generalizada em todo o sertão e não apenas na área do Nordeste, sendo, segundo acreditamos, adotada por toda a humanidade. Aí está explícito o princípio da transferência

do mal, poder que julgam possuir as criaturas de fazer a enfermidade que as acometem transmutar-se para um animal ou outra pessoa. Já havíamos recenseado antes: quem sofre de asma basta cuspir na boca de um cará, soltando-o na água em seguida, para ficar curado (CAMPOS, 1960).

Curam-se as lepras friccionando-as todos os dias com saliva; cura-se a oftalmia fazendo essa mesma aplicação pela manhã; para tratamento do torcicolo do lado direito, cospe-se a mão esquerda e fricciona-se o pescoço; para impedir o efeito da feitiçaria, é recomendado cuspir na urina imediatamente depois de ter urinado, cuspir no sapato do pé direito antes de calcá-lo e fazer o mesmo ao passar por um lugar em que se tenha ocorrido algum perigo (CAMPOS, 1960).

Segundo Bertucci (2008), na cidade de São Paulo, a curandeira Rosa Divina dizia ser “enviada do Céu”, fazia orações com os enfermos e aliviava seus sofrimentos “ungindo” com sua saliva a testa e o queixo dos crentes. Mas a forma religiosa de Rosa Divina utilizar a saliva (e “divina” era revelador) também lembrava o ato do próprio Cristo, que misturou terra e cuspe e untou os olhos do cego que depois recuperou a visão.

O uso da saliva como remédio foi prática corrente entre os “saludadores” espanhóis nos séculos XV e XVI, que ofereciam pão ume-decido na saliva aos seus pacientes (BURKE, 1995), e esteve associado as ações terapêuticas que tinham nos excretos de homens e animais meios para acabar com as doenças, graças à força vital que possuíam. Descartada progressivamente pela medicina moderna, esta prática atravessou décadas e esteve presente entre os brasileiros até, pelo menos, metade do Novecentos, quando cuspir sobre uma ferida, de manhã e antes de dizer qualquer palavra, ainda era remédio poderoso em algumas áreas do nordeste do país.

O musicólogo brasileiro Mário de Andrade (1893-1945) em sua obra

“Namoros com a medicina”, escreve que se os excretos servem de adubos “doadores de vida a terras doentes” (ANDRADE, 1972, p.65), poderão ser assumidos na valorização terapêutica dos excretos pelas práticas de cura populares.

O leite e o sêmen são elementos fecundantes produtores de vida, de crescimento e força. E são excreções assimiláveis às dos excretos tanto na imagem dos eruditos como na terminologia popular. Argumenta o autor, se as causas são assimiláveis entre si, nada mais natural e espontâneo que assimilar também os seus efeitos; e se o sêmen e o leite são vitalizadores, os excretos o serão também (ANDRADE, 1972).

A urina para ser aplicada nas feridas não deve ser a primeira que sai. O remédio em Alagoas onde se aplica a urina de três de criança do sexo oposto ao do doente, usada também em bochechos contra a dor de dente. Em Brodowski (SP) também se usa urina de gente com fumo contra a picada de maribondos (ANDRADE, 1972, p.76).

Contra a erisipela em Pernambuco é usada a urina podre de gente e em Alagoas se for do sexo masculino o doente o pai deve urinar no local, se do sexo feminino, a mãe (ANDRADE, 1972, p.79).

Para tratar o unheiro em Alagoas coloca-se por cinco minutos um chumaço de algodão na vagina e aplicá-lo no dedo em seguida e para o tratamento de “espinhas brabas” usam-se fezes humanas ainda quentes aplicadas no local.

O autor cita informação pessoal do escritor Samuel Campelo de que no interior de Pernambuco vivia um tal de Severino de Sá, vulgarmente conhecido como Dr. Biu de Sá que para todas as moléstias receitava excrementos, tanto que o chamavam “Dr. da merda” (ANDRADE, 1972, p.70).

Escreve o historiador da medicina Pedro Nava (2003, p.191) que entre os nossos indígenas era comum o uso terapêutico da saliva, da urina e do smegma, usado como antídoto contra o veneno de serpentes.

Na medicina popular atual o “chá do cordão umbilical” de crianças recém nascidas é usado como remédio contra a epilepsia (VAN DER POEL, s/d).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**sta terapêutica barroca, não fazia distinção entre magia e ciência, mesclava elementos físicos e espirituais para explicar a causa dos males e recorria tanto aos remédios químicos, quanto a fitoterapia e a zooterapia, incluindo aí os produtos e excreções humanas frescas e cadavéricas. Partindo do pressuposto de que os excretos manteriam parte da vitalidade dos corpos, mesmo depois de mortos (WISSENBAACH, 2002). Esta terapêutica que hoje nos parece repugnante, e que às vezes nos faz rir, não era objeto de nenhuma reflexão por parte dos dois autores examinados, pois não faziam nenhuma distinção no uso de uma planta ou de um animal ou de uma excreção humana.

No caso dos cadáveres humanos, por exemplo, não se constata nenhuma atitude respeitosa a esta condição, muito pelo contrário, para o seu uso eram condições exigidas que fossem robustos e sadios e que tivessem sido esquartejados. Por sua vez, as mulheres e crianças eram usadas e manipuladas como simples instrumentos de cura.

No caso das mulheres, embora que o mênstruo fosse prescrito como recurso terapêutico em doenças da pele como nas prescrições 25, 26 e 27 de Semedo (ver quadro 1) e 29 e 30 de Ferreira (quadro 2), durante a menstruação a mulher era considerada como intocável e venenosa.

Como escreve a historiadora Mary Del Priori:

O tempo do sangue secreto era, pois, um tempo perigoso, um tempo de morte simbólica no qual a mulher deveria afastar-se de tudo que era produzido ou do que se reproduzia. Suas

propriedades malfeitoras possuíam o poder degenerativo de arruinar, deteriorar e também de contaminar a sua portadora por meio de seus muitos eflúvios. Como bem demonstra Smedo, o olhar, o contato e o hálito feminino, passam, nessa lógica, a ter poder mortal. Pelo excesso de odores, a mulher se isolava. Seus cheiros e secreções rubras funcionavam como uma espécie de cortina invisível entre ela e a vida quotidiana, contendo-a de estragar o leite, o vinho, a colheita ou os metais. O corpo feminino parecia, assim, o lugar de uma dupla propriedade. Ele mostrava-se ameaçador, mas ameaçava também a si próprio ao se tornar vulnerável a elementos do universo exterior (DEL PRIORI, 1999).

O uso terapêutico dos produtos e excreções da espécie humana é estudado no contexto das pesquisas atuais sobre a zooterapia popular no Brasil.

Na medida em que os animais continuam sendo usados como recursos terapêuticos, em recentes levantamentos zoterápicos feitos no Nordeste (ALVES, 2009; COSTA-NETO; ALVES, 2010; SILVA et al., 2010 na Paraíba; RIBEIRO et al., 2010 no sul da Bahia) não existem registros sobre o uso de produtos medicinais derivados da espécie humana. Assim, é provável que, ao longo do tempo, as práticas populares de cura estejam abandonando o uso terapêutico destes produtos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Zooterapia indígena brasileira do século XVII nas obras de Guilherme Piso, Georg Marcgrave e Joannes de Laet. Feira de Santana: **Sitientibus Série Ciências Biológicas** .7 (3): 261-272. 2007.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de Almeida. A zooterapia adotada pelos médicos Simão P. Morão e João F. da Rosa em Pernambuco no final do século XVII. In: COSTA-NETO, E. M.; ALVES, R. R. N. (orgs.) **Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira**. Recife: NUPEEA, 2010, p.57-76.

ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 5:1, p.1-11, 2009.

ANDRADE. Mário de. **Namoros com a medicina**. 3a ed. São Paulo: Livraria Martins; Brasília; INL, 1972, p.63-124.

BARROSO, Maria do Sameiro: João Curvo Semedo: em busca da química da vida. Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI, Lisboa: **Cadernos de Cultura**, nº 18, p. 53-57, 2004.

BECKHERO, Danielis. **Medicus microcosmus, seu, spagyria microcosmi**. Londini: prostant apud John Martyn & Thomas Dicas, 1660.

BERTUCCI, Liane Maria. Saúde no Brasil do início do século XX: tradição, saber científico, reeducação popular. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPOS, Eduardo. **Folclore do Nordeste**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960.

CARVALHO, Diana Maul de. O regimento contra a pestilência e a receita do bálsamo: alguns comentários à luz da ‘medicina científica’. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v. 12, n. 3, p. 855-67, 2005.

COELHO, Ronaldo Simões. O Erário Mineral divertido e curioso. *In*: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**, organização Júnia Ferreira Furtado, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p.151-172.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Estado da arte da zooterapia popular no Brasil. *In*: COSTA-NETO, E. M.; ALVES, R. R. N. (orgs.) **Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira**. Recife: NUPEEA, 2010, p.13-54.

DELAUNAY, Pierre. A biologia humana e a arte de curar. *In*: TATON (org.). **História geral das ciências**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959, p. 143-158.

DEL PRIORI, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, 1999, p.179-194.

DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica, *In*: ANDRADE, G. O. (org.). **Morão, Rosa e Pimenta: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956, p. 175-218

DIOSCORIDES. **De materia medica**. Joahanesburg-South Africa: Ibdidis Press. Book II, Living creatures, p.183-362, 2000.

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**, organização Júnia Ferreira Furta-do, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.

FERREYRA, Luis Gomes. **Erario mineral**. Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues, 1735.

GARDNER, Martin. **O umbigo de Adão**. Rio de Janeiro Ediouro, 2002.

GUIMARAES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-514, 2005 .

LINNAEU, Carolus. **Dissertatio de materia medica in regno animali**. Upsaliae: Pro gradu doctoris publicu examinis modeste subjicit alumnus kahreanus Jonas Sidrén, 1750.

LINNAEI, Caroli. **Meteries medica: liber II de animalibus et III de mineralibus**. Holmie: Typis Laurentii Salvii, 1763, p.5-20.

LLUESMA-URANGA, Estanislau. Notas. *In*: PARACELSO. **Obras completas** (opera omnia). Editorial Schapire, Corrientes, Buenos Aires, 1945.

KÖNIG, Emanuelis. **Regnum animale**. Coloniae: Emanuelem & Joh. Georg. König, 1698, p.248-259.

NAVA, Pedro. **Capítulos de história da medicina no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial; Londrina; EDUEL; São Paulo: Oficina do Livro, 2003, p.191.

PARACELSO. **Obras completas** (opera omnia). Editorial Schapire, Corrientes, Buenos Aires, 1945.

PISO, Guilherme. **História natural do Brasil ilustrada**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948

PISO, Guilherme. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. Ed.Hucitec, São Paulo, 1997.

RIBEIRO, Gabriela Cunha; PEREIRA, Jussara Paula Rezende; DOCIO, Loyana; ALARCON, Daniela Trigueirinho; SCHIAVETTI, Alexandre. Zooterápicos utilizados no Sul da Bahia. *In*: COSTA-NETO, E. M.; ALVES, R. R. N. (orgs.) **Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira**. Recife: NUPEEA, 2010, p.223-241.

SANTOS, Georgina Silva dos. A arte de sangrar na Lisboa do Antigo Regime. Niterói: **Tempo**, vol.10 no.19, 2005, p. 43-60.

SCHÖRODERO, Johanne. **Pharmacopoeia medico-chymica**. Ulmae: Johannis Gellini Bibliopolae, 1644, p.270-281.

SEMMEDO, João Curvo. **Polyanthea Medicinal**: noticias galenicas e chymicas. Officina de Miguel Deslandes, Lisboa, 1697.

SILVA, Nalba Lúcia Gomes da; FERREIRA, Felipe Silva; COUTINHO, Henrique Douglas Melo; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Zooterápicos utilizados em comunidades rurais do município de Sumé, Paraíba, Nordeste do Brasil. In: COSTA-NETO, E. M.; ALVES, R. R. N. (orgs.) **Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira**. Recife: NUPEEA, 2010, p.245-267.

VAN DER POEL, Frei Francisco. O processo da cura na cultura popular. Disponível em [www.psleo.com.br/rp\\_proc\\_cura.htm](http://www.psleo.com.br/rp_proc_cura.htm). Acesso em 10 de janeiro de 2011.

VIANA, Kelly Cristina Benjamim. Mágicos doutores: a arte medica entre a magia e a ciência nas Minas setecentistas. In: **X Encontro Estadual de História ANPUH-CE**, 2006, Fortaleza. História: Experiências e Saberes I, 2006.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil - Colônia. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**, organização Júnia Ferreira Furtado, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p.107-149.

**Editora**  
**Universitária**  
**da UFRPE**

*Diretor*     **Bruno de Souza Leão**

*Equipe*     Amanda de Araújo Oliveira  
                 Cláudio José Sales de Oliveira  
                 David Félix da Mota  
                 Elizabeth Henrique Delgado  
                 Fernando Antonio R. Leite  
                 Henrique Tavares de Oliveira  
                 Inácio Mendes de Souza  
                 José Ernandes de Castro  
                 José da Silva Figueiredo  
                 José Ronaldo Dias Magalhães  
                 Josuel Pereira de Souza  
                 Juscelino Odilon de Sousa  
                 Luciano Feitoza Frazão  
                 Manoel Batista da Costa  
                 Miquéas de Oliveira

**Editora**  
**Universitária**  
**da UFRPE**